



A necessidade e o desamparo

Jacques André*, Paris

“Preciso de você!” Na situação analítica, o grito de desamparo ressoa quando qualquer separação é vivida como abandono, como remissão ao vazio. Diferentemente da angústia, o desamparo se recusa a deixar-se analisar, ele quer ser reconhecido apenas em sua atualidade. Qualquer referência ao passado, à infância, longe de levar a uma interpretação e a uma mudança possível, é recebida como violência, indiferença. O grito de desamparo quer uma única coisa (impossível): encontrar o que nunca existiu, as virtudes substanciais e contínuas de uma presença materna que ignora as falhas.

Descritores: Necessidade. Desamparo. Angústia. Dependência/adição. Religiosidade. Mãe.

* Membro da Associação Psicanalítica da França.



“Preciso de você”.

O tom tem a aspereza das palavras, das palavras arrancadas, repentinas, inesperadas. Aquilo que cometi, o que fiz eu não tinha o direito de lhe fazer. Eu tive de me ausentar por uma semana, fora dos períodos habituais de férias. Consegui substituir duas das três sessões semanais e decidi desmarcar [*annuler*] a terceira. Aniquilar [*annihiler*] seria mais apropriado. A inexistência dessa sessão a ameaçava de extinção.

Necessidade, a palavra lembra a carência, sua exigência de satisfação vem da natureza. A necessidade não tem nem avesso nem reverso, ela é simples como a miséria, triste como a penúria, pesada como a exigência – pelo menos é disto que ela tenta convencer. Se ela é imperiosa, não é por ignorar o tempo, que, em muitos aspectos, ela conhece por demais, e sim por não suportá-lo. O *Wunsch* é hipotético, seja ele traduzido por desejo, voto ou aspiração, e conjuga o passado-futuro no futuro do pretérito. Sua língua primitiva é a da fantasia¹. A necessidade, por sua vez, não possui tempo a não ser o atual. Nela, nada se presta à cena, ela é real.

“Preciso de você [...]” Angústia não é o termo apropriado para descrever o tom de carência com o qual essas palavras sem artifício são pronunciadas. Desamparo, preferencialmente. Para ela, Jeanne, a primeira experiência da análise, da análise propriamente dita. Quando algo surge e muda a face do mundo, ainda que seja por um instante, aquele primeiro momento surgiu no tratamento analítico, não das palavras, das suas ou das minhas, não do que foi ouvido e sim da surpresa de um *fato*: na volta das férias, em setembro, ela não precisaria agendar a sessão, pois seria mantido o mesmo dia da semana, a mesma hora do dia. A existência é, portanto, contínua, além das férias de verão.

Angústia, desamparo... podemos seguir as aproximações da etimologia²: *angustia*, *districtia*, que, do estreitamento ao estreito³, evoca em ambos os casos um espaço que encolhe, um mundo que se estreita, como um epigástrico que se contrai ou uma vagina que impede você de nascer. Ou então seguir a intuição do uso esquecido, na história da língua, que distingue os afetos ou mesmo os opõe.

¹ Para evitarmos uma incoerência, repetimos facilmente a expressão de Freud *desejo inconsciente*, sustentando ao mesmo tempo que o inconsciente ignora o tempo. A linguagem, sua temporalidade intrínseca, está mal situada para esperar captar por uma palavra a realização imediata da satisfação que caracteriza os processos primários.

² N.T.: Em francês, *détresse*, que traduzimos por desamparo, tem a mesma etimologia de “estreiteza”.

³ N.T: Em francês, *détroit* significa “estrito” no sentido de canal, bósforo.



Seria a diferença uma questão de quantidade e o desamparo uma angústia extrema? Ou será que a discrepância se deve essencialmente à natureza, como um modo entre outros de remontar à fonte, à fonte do dualismo pulsional: de um lado, as necessidades da vida e, do outro, a plasticidade do sexual? Necessidade e desamparo numa vertente, desejo e angústia na outra.

A confusão das línguas, entre o alemão e o francês, faz com que, hoje, não saibamos mais muito bem seguir o rastro do desamparo na obra de Freud: *Not ou Hilfslosigkeit* (1926)? O primeiro termo tem o mérito de poder expressar, ao mesmo tempo, a necessidade e o desamparo, mas, por ser frequentemente associado à implacável *Ananke*⁴, inclina-se geralmente para o lado da necessidade. O segundo nos serviu durante anos como “estado de desamparo” [état de détresse], antes da proposta de Jean Laplanche (1989) de conceituá-lo, por preocupação sistemática, como “desassistência” [désaide]⁵, sob pena de ver se dissipar a carga de afeto⁶ nessa palavra sem história.

Hilfslosigkeit, palavra que não é entendida fora de sua referência à ajuda, *Hilfe*. Mais do que o desamparo, é o seu grito, o seu apelo. Enquanto o inglês tem a possibilidade de calcar *helplessness*, o francês limita-se às paráfrases: carecendo de ajuda, incapaz de ajudar a si mesmo... A história alemã da palavra é marcada pela religiosidade, aquela da derrelição, da fraqueza do homem, órfão de Deus. *Hilfe* é uma palavra-chave da tradução da Bíblia por Lutero, e Jó é o personagem *hilfos* por excelência: “Desnudo, saí do ventre de minha mãe e, desnudo, a ele voltarei” (*Bíblia*, Jó, 1.21). Quanto ao substantivo *Hilfslosigkeit*, ele parece ter surgido apenas no século XVIII, o século das Luzes, o século de Kant, da crítica da razão, em tempos em que a ajuda de Deus não era mais suficiente para garantir ao homem os fundamentos de seu pensamento em tempos sem socorro⁷.

Dessa história, a língua de Freud conserva vestígios. A psicogênese da religião que ele elabora é geralmente associada à construção de *Totem e tabu* (1913): ambivalência de sentimentos de um filho pelo pai, desejos de morte, identificação com o assassinado, sentimento de culpa e, por fim, idealização da qual resulta a figura de Deus. A sequência corresponde ao complexo paterno e à

⁴ N.T.: Na mitologia grega, *Ananke* é a mãe das Moiras (ou Parcas) e a personificação da necessidade primordial, do destino e do fado.

⁵ N.T.: Cabe lembrar que, em português, “desamparo” e “desassistência” se mantêm num mesmo campo semântico, ao passo que, em francês, *détresse* e *désaide* não, pois o primeiro evoca mais um estado de aperto, aflição, enquanto o outro é formado por *dé + aide* = des+ajuda, que escolhemos traduzir por “desassistência”.

⁶ Reportar-se ao comentário de Jean Laplanche (1989), em *Traduire Freud*, acerca das palavras “désaide” (desassistência) e “necessidade”.

⁷ Devo o essencial dessas observações históricas a Alexandrine Schniewind.



sua simbolização neurótica, mais precisamente obsessiva. O momento está menos para o desamparo que para a angústia, aquela que caracteriza a castração.

No entanto, o texto da gênese comporta outra concepção, inicialmente mal diferenciada da primeira, antes de encontrar sua plena expressão em *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na cultura* (1929). Uma primeira versão aparece em *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), em que Freud escreve:

A religiosidade relaciona-se biologicamente com a persistente incapacidade de prestar assistência a si mesmo (*Hilflosigkeit*) e com a persistente necessidade de ajuda da criança pequena, que, ao reconhecer mais tarde seu abandono e sua fragilidade reais diante das grandes forças da vida, sente sua situação como a sentiu em sua infância e procura recusar o caráter de tal situação, sem esperança na renovação regressiva das forças protetoras infantis (p. 157).

Enquanto a primeira forma de religião, a versão complexa paterna, multiplica as ações de repressão e os rituais expiatórios, a segunda, a versão derrelição, possui a força de ilusão da ideia delirante, a capacidade de apresentar como satisfeitas as necessidades mais primitivas. Da adição ao encontro divino basta um passo, facilmente dado pelos alcoólicos anônimos e por alguns outros que o são menos.

A religião, em sua face neurótica, é a obra de um filho que desejou a morte do pai. Em sua face mais louca, que consiste principalmente em abolir a morte graças à fantasia da vida eterna, a religião é filha de uma criança – não simplesmente de um filho – reduzida ao *Hilflosigkeit*, confrontada com a desmedida das forças parentais e que não encontra por si mesma outra resposta à sua total impotência, decorrente de sua prematuridade, a não ser a onipotência – noção religiosa antes de ser psicanáltica –, a não ser o ilimitado, a não ser o “oceanismo” de seu pobre narcisismo.

A necessidade e o desamparo inventam Deus. Ou o *enquadre*. Dois seres mais fora do tempo que atemporais, imutáveis, para sempre. Deus nunca desmarcará uma sessão.

“Eu preciso de você [...]”. Desde Winnicott, adquirimos o hábito de designar esse movimento de transferência por *regressão à dependência*. Expressão que seu autor tratava com um grande esmero. Ele desejava que sua expressão fosse empregada, desde que não se traísse seu sentido. Numa noite de março de 1956, Enid Balint realiza uma conferência na British Society. Ela cita seu eminente



confrade e discute a sua *completa regressão à dependência oral*. Não... No dia seguinte, Winnicott empunha sua pena epistolar, acerba muitas vezes, sempre enérgica:

Preste atenção nas palavras que você atribui a mim. Você nunca encontrará essas palavras de dependência oral na minha obra. Evitei até mesmo misturar especialmente a regressão à dependência e a regressão em termos de estágios pulsionais. A regressão à dependência não está especificamente ligada à fase oral e, *em verdade, eu quero* desvinculá-la totalmente do desenvolvimento pulsional. (1987, p. 144).

Em primeiro lugar, as necessidades do eu, a satisfação dessas necessidades; depois, você deseja, se puder.

Por detrás dessas poucas palavras, imagina-se todo o edifício que, do *holding* à mãe *good enough*, faz do campo da necessidade – mas que é também o do *being*, o do existir, consideravelmente mais ambíguo – o primeiro território onde o *psicossoma* traça suas fronteiras. Sempre me pareceu que não se podia dissociar essa decisão de Winnicott – *em verdade, eu quero* – de sua inviolável recusa das pulsões de morte, da ideia de que a morte, sua própria morte, possa ser impacientemente exigida. O oposto do sexual na primeira tópica freudiana é a vida. Na segunda tópica é a morte, ao mesmo tempo em que o registro do vital, dissipado na extensão de Eros, que perde sua autonomia. A obra original de Winnicott não é a simples restituição do vital esquecido, ela o reconstrói.

Conhecemos o mérito histórico dessa parte de invenção, o mérito de ter estendido a atenção flutuante às condições de instauração da situação analítica, indo além do processo. Instauração ou destruição, como a de reduzir uma sessão a nada. Por isso, por tais atos, Winnicott diz *failure*. E não *deficiency*. No entanto, o termo foi muitas vezes traduzido por *carência*, quando *falência*, falha, se impunha simplesmente. A carência vale para as vitaminas, que um gesto compensatório pode prover. Mas como se livrar de uma falência? Duvida-se que, para a criança, ou para o analisando, haja alguma carência. A não ser do ponto de vista externo de um observador. Para quem sofre a falha, é sempre demais, mais um excesso que uma falta, um *impigement*, segundo a expressão de Winnicott, uma *invasão*, algo que passa por cima de você. A carência é um acidente histórico que pode nunca acontecer, a *failure* é inevitável, humana em demasia. Margaret Little, facilmente inclinada a santificar seu analista, a quem se refere afetuosamente por suas iniciais D. W., encontra, contudo, uma palavrinha para derrubar a divindade:



“Ele explicava claramente que não se cogitava que ele se sacrificasse totalmente.”⁸ (Little *apud* André, 2002).

A pulsão de morte não é a única determinação negativa da obra de Winnicott, deve-se acrescentar ainda aquela a quem ele se refere, em sua correspondência, como “Melanie”. Melanie ou o tudo pulsional. De saída, desde sempre, sem história nem desenvolvimento. Os horrores da guerra desde os primeiros instantes da vida, com tiros de projéteis e disjunções⁹.

Contra esse furacão, Winnicott reconstitui pacientemente o tempo dos cuidados, elabora um ambiente, desenha um mundo humano que também é animal, mamífero pelo menos. Um mundo primário de preocupação (materna) ao qual não falta loucura, mas que se torna ainda mais louco quando essa loucura elementar é perturbada ou excessivamente ausente.

Esse lado de tese contra tese exagera inevitavelmente, aprofunda as diferenças. Até cair por sua vez na teoria, naquela que mais fecha do que abre.

A necessidade não esconde nada, ela é um bloco único. Não há nada a dizer sobre ela, somente satisfazê-la [...] O “eu preciso de você” recusa ser analisado, isto é, ser decomposto, recusa em bloco a interpretação. O grito de desamparo somente espera e tolera o ajuste à sua exigência: *ser* mais do que estar lá, sem descontinuidade. Se Winnicott retoma algo da conservação da vida, abandonada por Freud na segunda tópica, ele o faz deslocando os termos. Não é a fome, demasiadamente oral, ávida e kleiniana, que lhe serve de paradigma e sim o *concern*, a inquietação, o desassossego, a preocupação, tanto materna quanto primária, e o gesto que, no máximo, a apresenta: o *holding*. Mais do que alimentador, o ambiente humano que Winnicott constrói é identificatório, tanto em seus êxitos quanto em suas falhas. Ser antes de ter, o que nos faz pensar em Freud, no Freud das notas póstumas¹⁰, se não é somente antes que a criança pode fantasiar, triunfar – *eu sou o seio* –, o que pressupõe a existência prévia de um adulto *envolvido* que sinta, que viva – *eu sou o bebê*.

Tudo isso se assemelha muito àquilo que, nos *Três ensaios*, era designado como *puro amor assexual*, o amor da mãe dos primeiros cuidados pelo seu bebê, com exceção do fato de que Freud reservava essa expressão ao disfarce indispensável ao recalque, aquele que permite à mãe acariciar, embalar, beijar,

⁸ M. Little, Quando Winnicott trabalha em zonas em que predominam as angústias psicóticas. Um relato pessoal, in *Transfert et états limites*, Petite Bibliothèque de Psychanalyse, PUF, 2002.

⁹ N.T.: O autor emprega o termo *schizes*, que designa corte, disjunção, fratura, fenda. O mesmo elemento grego que forma “esquizofrenia”.

¹⁰ “Ter e ser na criança. A criança aprecia muito expressar a relação de objeto por identificação: eu sou o objeto. O ter é a relação posterior, volta ao ser depois da perda do objeto [...] Eu sou o seio. Somente mais tarde: o tenho”. (Freud, 1890-1920, p. 287).



carregar seu filho, ignorando, ao mesmo tempo, que o trata assim como “substituto de um objeto sexual absoluto” (Freud, 1905, p. 166). A ternura dos primeiros tempos é também mamífera, tem suas raízes na herança da espécie; mas como poderia evitar conjugar seus gestos com a “outra ternura”, aquela das intenções menos “honestas”, apenas inibidas?

No entanto, compreende-se que Freud e Winnicott tentam configurar, através *da mãe*, personagens que se calcam apenas de maneira imperfeita. “A mãe” de Freud sempre corre o risco de acariciar mais do que o necessário e, dando mais do que possui, ela não dá o suficiente. Que a mãe do pequeno Hans leve seu filho para sua cama todas as manhãs ainda passa, mas será que ela precisa levá-lo junto quando vai ao banheiro? O perigo com *a mãe* winnicottiana é de que a criança carregada no colo, com o olhar fixado nos olhos daquela que a carrega e amamenta, em vez de *ser/estar* nesse olhar, de *se ver*, não veja *nada*, a não ser uma *failure*.

No primeiro caso o inconsciente materno ocupa demais, no segundo, ele está ocupado com outra coisa, mais pela morte do que pelo amante.

De qualquer maneira, a indignância da psique é um resultado, talvez nunca uma simples herança vital em linha direta. A força da necessidade está em fazer com que seu apelo passe pela expressão bruta da necessidade vital. O naturalismo é sua astúcia. “Eu preciso de você [...]”, o autoerotismo da transferência cede à adição, quando se espera que o objeto deixe de ser aquele parceiro descontínuo, improvável demais, para possibilitar encontrar aquilo que nunca existiu: as virtudes substanciais da coisa materna, que carrega e alimenta¹¹.

“Preciso de você”, o desamparo, afeto de longo curso, que nunca para de sucumbir, o desamparo é a face lívida do amor de transferência. Desta vez não é a peça que incendeia o teatro, é antes seu cenário, seu enquadre ou mesmo a própria cena, sempre mais ou menos disjunta, na qual tudo repousa. Enquanto redige *O mal-estar na cultura*, entre duas partidas de tarô, Freud se indaga. Se for uma questão de aspirar à felicidade e, por que não, de alcançá-la – naquele verão de 1929, tornou-se urgente, por uma última vez, colocar-se a pergunta – então o amor sexuado não está longe de proporcionar a mais intensa de todas as experiências. Por que então esta via é tão pouco seguida e, quando o é, tão raramente renovada? É porque essa *técnica de vida* tem uma vulnerabilidade: “Nunca somos mais privados de proteção contra o sofrimento do que quando amamos, nunca ficamos mais infelizes e desamparados do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor.” (Freud, 1929, p. 269). □

¹¹ Cf. François Gantheret, *Au cœur de l'amour, cela*, in *De la passion, op.cit.*



Jacques André

Abstract

Need and helplessness

“I need you!” In the analytical situation, the cry for helplessness resonates when every separation is experienced as abandonment, as a journey back to emptiness. Different from anguish, helplessness refuses to be analyzed, it wants to be acknowledged only as a current state. Any reference to the past, to childhood, far from leading to an interpretation and to a possible change, is perceived as violence, as indifference. The cry of helplessness wants one single (impossible) thing: find what has never existed, the substantial and continuous virtues of a maternal presence which ignores failures.

Keywords: Need. Helplessness. Anguish. Dependency/adiction. Religiosity. Mother.

Resumen

La necesidad y el desamparo

“¡Te necesito!” En la situación analítica, el grito de desamparo resuena cuando cualquier separación es vivida como abandono, como remisión hacia el vacío. A diferencia de la angustia, el desamparo se niega a dejarse analizar, quiere ser reconocido solamente en su actualidad. Cualquier referencia al pasado, a la infancia, lejos de llevar a una interpretación y a un cambio posible, es recibida como violencia, como indiferencia. El grito de desamparo quiere únicamente algo (imposible): encontrar lo que nunca existió, las virtudes sustanciales y continuas de una presencia materna que ignora las fallas.

Palabras llave: Necesidad. Desamparo. Angustia. Dependencia/adicción. Religiosidad. Madre.

Referências

ANDRÉ, J.; THOMPSON, C. (dir.) (2002). *Transfert et états limites*. Paris: PUF, (Petite bibliothèque de psychanalyse).

BIBLE. *Jó*. Sainte Bible. [s. l.: s. n.], Cap. 1, Vers. 21.

FREUD, S. (1890-1920). *Résultats, idées, problèmes*. Tome II. Paris : PUF, Bibliothèque de Psychanalyse, 1985.



- _____. (1905). *Trois essais sur la théorie sexuelle infantile*. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. (1910). *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci*. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. (1912-1913). Totem et tabou. In : *Œuvres complètes de Freud*. v. 11. Paris: PUF, p. 189-386.
- _____. (1926). Inhibition, simptome et angoisse. In : *Œuvres complètes de Freud*, v. 17, 1992 .
- _____. (1927). L'avenir d'une illusion In : *Œuvres complètes de Freud*. v. 18. Paris: PUF, p. 141-197.
- _____. (1929). Le malaise dans la culture. In : *Œuvres complètes de Freud*. Tome XVIII. Paris: PUF, 1994, p. 269.
- GANTHERET, F. Au cœur de l'amour, cela. In : *De la passion*. (sous la dir. de J. André). Paris: PUF, Petite Bibliothèque de Psychanalyse, 1999.
- LAPLANCHE, J. *Traduire Freud*. Paris : PUF, 1989.
- WINNICOTT, D. (1987). *Lettres vives*. Paris : Gallimard.

Recebido em 10/10/2011

Aceito em 10/11/2011

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Suzana Deppermann Fortes**

Jacques André

46 rue Vavin 75006

Paris – France

e-mail: andre.jac@orange.fr

© Jacques André

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA